
Iconicidade linguística desde F. de Saussure e C. S. Peirce*

Winfried Nöthⁱ

Resumo: O artigo examina as tendências da linguística moderna desde Ferdinand de Saussure e Charles S. Peirce no estudo da iconicidade na linguagem falada e escrita. O dogma de Saussure sobre a arbitrariedade do signo linguístico impediu a pesquisa sobre a iconicidade linguística durante décadas. Somente na década de 1980 a iconicidade se tornou um campo de pesquisa vital da linguística moderna (novamente). O artigo argumenta ainda que o conceito de signo arbitrário de Saussure não é congruente com o símbolo de Peirce e mostra que o ícone de Peirce difere do conceito saussuriano de signo verbal motivado por semelhanças entre o significante e o significado. O estudo mostra como alguns estudiosos interpretaram o interesse renovado pela iconicidade na linguagem como uma “virada icônica” na linguística moderna, enquanto outros se apressaram em restringir novamente o conceito de iconicidade.

Palavras-chave: iconicidade; arbitrariedade; motivação; Peirce, C. S.; Saussure, F. de

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.238719>.

ⁱ Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD), São Paulo, SP, Brasil. Email: wnoth@pucsp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2518-9773>.

1. Iconicidade e o signo linguístico segundo Saussure e Peirce

Sempre que o tema da iconicidade linguística surge na linguística moderna, os nomes de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Charles S. Peirce (1839-1914) são provavelmente mencionados como testemunhas-chave da questão. Embora nem Saussure nem Peirce tenham utilizado o termo *iconicidade*, introduzido na semiótica do século XX apenas mais tarde, nomeadamente por Charles W. Morris (1946), as referências aos dois fundadores da semiótica moderna ainda não são inapropriadas. Peirce lançou as bases da pesquisa em iconicidade com sua distinção entre ícones, índices e símbolos e sua subdivisão de ícones em imagens, diagramas e metáforas, e Saussure discutiu o tema sob os títulos de arbitrariedade, convencionalidade e motivação (Nöth, 2000, p. 336-341).

Para os estruturalistas, o principal impedimento à pesquisa em iconicidade linguística era a concepção mentalista diídica de Saussure do signo da linguagem como uma entidade constituída, por um lado, por um significante, definido como “imagem acústica” (Saussure, 1916, p. 20), isto é, a representação mental de como uma palavra deve ser pronunciada, e, por outro, pelo significado, a representação mental da ideia associada ao signo. Como poderia a imagem sonora acústica de um signo linguístico, como a de um cavalo ou de uma árvore, ser semelhante e, nesse sentido, motivada pelas representações mentais visualmente concebidas associadas a esses significantes (Saussure, 1916, p. 79)? A similaridade entre significantes e significados parecia possível apenas no domínio restrito de palavras que representam eventos acústicos, o que Saussure de fato discutiu sob o título de onomatopeia, concluindo que sua importância era apenas marginal para a linguística (Saussure, 1916, p. 83).

Peirce também definiu suas três principais classes de signos, ícone, índice e símbolo, de acordo com o critério de uma “relação dual” (EP 1.226, 1885), mas seus dois correlatos não são entidades mentais, mas, por um lado, o signo ou representamen em sua materialidade e, por outro, o objeto dinâmico ou real que ele serve para representar, definido como “a Realidade que, por algum meio, consegue determinar o Signo à sua Representação” (CP 4.536, 1905, tradução própria)¹. No caso do ícone, o signo “refere-se ao Objeto que denota meramente em virtude de suas próprias características” (CP 2.274, 1883, tradução própria)², que é o caso de “um signo que representa algo meramente porque se assemelha a ele” (EP 1, p. 226, 1885, tradução própria)³. No entanto, a diferença entre as

¹ Citação na língua original: “the Reality which by some means contrives to determine the Sign to its Representation”.

² Citação na língua original: “refers to the Object that it denotes merely by virtue of characters of its own”.

³ Citação na língua original: “a sign which stands for something merely because it resembles it”.

relações diádicas saussurianas e peircianas, com base nas quais se definem a iconicidade de Peirce e a motivação de Saussure, não é tão fundamental quanto parece à primeira vista. A distinção de Peirce entre o objeto imediato e o dinâmico pode explicá-la. Enquanto para Peirce, a díade é uma relação entre o signo e seu objeto dinâmico, a díade Saussure-um, vista da perspectiva peirceana, é aquela entre o signo e seu objeto imediato. Que o significado saussuriano se aproxima do objeto imediato de Peirce pode ser argumentado da seguinte forma: para Saussure, o significado do signo verbal é o conceito ou ideia associado ao significante na “consciência das pessoas que falam” (Saussure, 1916, p. 162), enquanto o objeto imediato de Peirce é “o Objeto como reconhecido no Signo e, portanto, uma Ideia” (CP 8.183, c.1903, tradução própria)⁴.

Outro paralelismo, em grande parte não reconhecido, entre o conceito de motivação de Saussure e a iconicidade de Peirce na linguagem está no princípio da “motivação relativa” de Saussure (1916, p. 152) e sua afinidade com a iconicidade diagramática de Peirce. Saussure escreve:

Assim, *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezento*, *setenta* etc.; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra simples *pera* e cujo sufixo -*eira* faz pensar em *cerejeira*, *macieira* etc. (Saussure, 1916, p. 152).

Portanto, nos níveis de morfologia, formação de palavras e gramática em geral, argumenta Saussure, a linguagem não é mais arbitrária, mas *relativamente motivada*. A arbitrariedade em toda a sua extensão tornaria qualquer linguagem caótica e, portanto, ininteligível:

Com efeito, todo o sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado. Se o mecanismo da língua fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário (Saussure, 1916, p. 154).

⁴ Citação na língua original: “the Object as cognized in the Sign and therefore an Idea”.

Essa concepção da motivação necessariamente relativa da linguagem como um sistema de signos tem uma contrapartida clara na definição de Peirce do ícone diagramático, isto é, “um ícone de relações [...] auxiliado a sê-lo por convenções” (CP 4.418, c.1903, tradução própria)⁵. Os exemplos de diagramas de Peirce são frequentemente fórmulas algébricas, que ele descreveu como “imagens sensíveis” de relação e “ícones por excelência” diagramáticos (CP 3.363, 1883), mas a aplicabilidade do conceito de diagrama à gramática está sempre implícita em sua semiótica, “pois a álgebra não passa de uma espécie de diagrama; e se a álgebra não pode fazê-lo, a linguagem não pode: pois a linguagem não passa de uma espécie de álgebra” (CP 3.419, 1892, tradução própria)⁶. A percepção de Saussure sobre a irracionalidade do princípio da arbitrariedade encontra seu complemento no argumento de Peirce de que “um Diagrama é [...] um Ícone de relações inteligíveis” (CP 4.531, 1906, tradução própria)⁷ ou “um Ícone de um conjunto de objetos racionalmente relacionados” (NEM 4, 316, 1906-1907, tradução própria)⁸.

Uma das primeiras linguistas a reconhecer plenamente o paralelismo entre o conceito de motivação linguística de Saussure e o conceito de iconicidade diagramática de Peirce foi Linda Waugh. Em um artigo coautorado por Madeleine Newfield, as afinidades entre o conceito de motivação de Saussure e a teoria da iconicidade diagramática de Peirce são descritas da seguinte forma:

De fato, a discussão de Saussure (1916) sobre motivação relativa e a noção moderna de transparência morfológica [...] baseiam-se no que hoje é chamado de diagrama. Um exemplo simples como dançarino tem uma relação diagramática com, por um lado, dança e dançar, e, por outro, trabalhador, motorista, falante e assim por diante. O complexo que significa “dançarino” é motivado, não porque seus sons tenham algo diretamente a ver com “dança” ou “agente da ação” (-er), mas porque estão ligados por similaridade aos sons que expressam esses significados em outros lugares. Ou seja, o dançarino é motivado em relação a outras palavras na língua, por meio de um paralelismo na mesma relação forma-significado em outros lugares (Waugh; Newfield, 1995, p. 192, tradução própria)⁹.

⁵ Citação na língua original: “an icon of relations [...] aided to be so by conventions”.

⁶ Citação na língua original: “for algebra is but a sort of diagram; and if algebra cannot do it, language cannot: for language is but a kind of algebra”.

⁷ Citação na língua original: “a Diagram is [...] an Icon of intelligible relations”.

⁸ Citação na língua original: “an Icon of a set of rationally related objects”.

⁹ Citação na língua original: “Indeed, de Saussure’s (1916) discussion of relative motivation and the modern notion of mor-phological transparency [...] are grounded in what is now called the diagram. A simple example such as dancer has a diagram-matic relation with, on the one hand, dance and dancing, and on the other hand, worker, driver, speaker, and so forth. The com-plex which means ‘dancer’ is motivated, not because its sounds have anything directly to do with ‘dance’ or ‘agent of the ac-tion’ (-er), but because they are tied by similarity to the sounds expressing these meanings elsewhere. That is, dancer is motivat-ed relative to other words in the language, through a parallelism in the same form-meaning relation elsewhere”.

2. O viés fonocêntrico dos primeiros estudos linguísticos sobre iconicidade

Os tópicos de iconicidade e motivação têm sido discutidos há muito tempo de maneira fonocêntrica. Na linguística moderna, a iconicidade na escrita era geralmente ignorada, visto que a língua escrita era considerada meramente um derivado da língua falada. Como afirmou Saussure (1916, p. 23), a língua é um “depósito das imagens acústicas, e a escrita é a forma tangível dessas imagens”. Os sistemas de escrita que Saussure tinha em mente quando os descreveu como dando forma às imagens sonoras da língua falada eram, obviamente, os fonográficos, particularmente os alfabeticos, nos quais a maioria das línguas indo-europeias era escrita. Os sistemas de escrita logográfica foram excluídos dessa definição.

No estudo dos sistemas de escrita logográfica, a iconicidade sempre foi um tema controverso. No caso da escrita hieroglífica, a motivação icônica dos caracteres parecia tão óbvia que os egíptologos tiveram que rejeitar a suposição de que os hieróglifos eram uma linguagem pictórica (Schenkel, 2011; Kammerzell; Lapčić; Nöth, 2016, p. 22). Frank Kammerzell merece crédito por ter feito contribuições significativas para uma visão mais diferenciada da iconicidade e arbitrariedade da escrita egípcia antiga.

Outra conquista de Kammerzell, Lapčić e Nöth (2016) foi o projeto de pesquisa para explorar os escritos ainda não publicados de Peirce sobre tópicos egiptológicos. Juntamente com Aleksandra Lapčić, tive o privilégio de participar desse esforço em 2015/16. Os resultados foram publicados no início de 2017 na prestigiosa *Transactions of the Charles S. Peirce Society* (Lapčić; Nöth, 2017), embora o editor deste venerável periódico, como ele mais tarde me confessou, não tenha conseguido encontrar revisores qualificados para avaliar este artigo. Os manuscritos de Peirce sobre tópicos egiptológicos que foram objeto deste estudo datam predominantemente de 1892/93, uma época em que a diferenciação de Peirce entre signos icônicos e simbólicos ainda não havia sido totalmente desenvolvida. Somente quando ele começou a distinguir entre símbolos e legissignos em sua teoria das dez principais classes de signos de 1903, Peirce encontrou uma solução para a questão de como logógrafos icônicos, como hieróglifos icônicos, deveriam ser classificados. Esses signos da escrita não são símbolos. São legissignos icônicos, definidos como baseados em uma “lei ou tipo geral, na medida em que exige que cada instância incorpore uma qualidade definida que a torna adequada para evocar na mente a ideia de um objeto semelhante” (CP 2.258, 1903, tradução própria)¹⁰.

¹⁰ Citação na língua original: “general law or type, in so far as it requires each instance of it to embody a definite quality which renders it fit to call up in the mind the idea of a like object”.

3. A redescoberta da iconicidade linguística desde a década de 1980

A iconicidade nem sempre foi banida do horizonte dos estudos da linguagem. De fato, o tema tem uma longa tradição na filosofia da linguagem e na retórica, embora sob outras designações, particularmente as de naturalidade (*Crátilo* de Platão), gramática especulativa (o debate medieval sobre se as categorias gramaticais refletiam estruturas e conceitos mentais do mundo real semelhantes a espelhos) e mimese (na retórica e nos estudos literários). A linguística do século XX, no entanto, sob o feitiço do dogma saussuriano, há muito tempo excluiu o tema de seu campo de pesquisa. Somente na década de 1980, após décadas de ostracismo, a iconicidade voltou a ser um campo aceitável nos estudos da linguagem. Entre os primeiros volumes dedicados ao tema estavam Posner (1980) e Haiman (1985). Por volta da virada do século, linguistas dedicados ao tema começaram a perceber uma *virada icônica* na linguística. Em 2015, Dingmanse *et al.* descreveram essa virada em direção à iconicidade na linguística de forma tão dramática como se segue:

Uma reviravolta está em andamento no pensamento atual sobre a natureza arbitrária dos signos linguísticos. A visão de longa data de que a forma de uma palavra tem uma relação essencialmente arbitrária com seu significado está dando lugar a uma perspectiva que reconhece papéis tanto para a arbitrariedade quanto para a não arbitrariedade na linguagem (Dingemanse *et al.*, 2015, p. 603, tradução própria)¹¹.

No entanto, os autores que fizeram esta declaração um tanto patética ignoraram que houve alguma continuidade na pesquisa linguística moderna sobre iconicidade desde a década de 1920 (Sapir, 1929; Jespersen, 2010) e que o renascimento do interesse pela iconicidade linguística começou bem antes de 2015. Em quase todos os ramos da linguística, a pesquisa sobre iconicidade tem sido produtiva desde a década de 1980. Um breve levantamento bibliográfico de pesquisas em apenas três campos de pesquisa pode comprovar que a pesquisa sobre iconicidade se tornou uma nova tendência na linguística:

Arbitrariedade versus iconicidade na linguagem em geral tem sido o tópico de Jakobson (1977), Woolley (1977), Posner (1980, 1986), Braumüller (1982), Armstrong (1983), Christmann (1985), Landsberg (1995), Engler (1995), Groß (1988), Hutton (1989), De Pater e Langendonck (1989), Crystal (1995), Ágel (1996), Engbert-Pedersen (1996), Midtgarden (2002),

¹¹ Citação na língua original: “An upheaval is underway in current thinking about the arbitrary nature of linguistic signs. The longstanding view that the form of a word has an essentially arbitrary relation to the meaning of the word is giving way to a perspective that recognizes roles for both arbitrariness and nonarbitrariness in language.”

De Cuyperse (2008), Willems e De Cuyperse (2008), Robinson (2013), Dingemanse *et al.* (2015), Williams e Colling (2018) e Radden (2021).

Estudos sobre iconicidade e seu papel na mudança e evolução da linguagem são de: Itkonen (1986), Plank & Plank (1979), Anttila e Embleton (1989), Malkiel (1990), Shapiro (1991) e Koch (2008). Estudos sobre iconicidade na escrita são de: White (1976), Brekle (1981), Tefnin (1984), Goldwasser (1995), Schenkel (2011), e Xiao e Treiman (2012).

Iconicidade, como Peirce a concebe, compreende um amplo espectro de fenômenos que têm sido estudados na pesquisa linguística do século XX sob diversos outros títulos, em particular motivação, analogia, transparência, não opacidade e, mais geralmente, como não arbitrariedade. Antes de mostrar em detalhes como todos esses tópicos da pesquisa linguística são subsumíveis ao tópico da iconicidade, será útil mostrar como esses termos diversos costumavam ser definidos na linguística e o que os linguistas disseram sobre a delimitação deles em sua relação com a iconicidade.

Motivação. Saussure não utilizou o termo iconicidade, mas alguns de seus princípios podem ser interpretados como levando em consideração a iconicidade na linguagem (Engler, 1995). Para ele, o oposto de arbitrário era motivado, não *icônico*. Apesar de seu dogma da arbitrariedade do signo linguístico, Saussure não negou totalmente a iconicidade na linguagem, mas julgou que ela desempenhava apenas um papel marginal na linguagem. Após admitir que palavras onomatopaias são motivadas, apressou-se em reduzir o grau de sua iconicidade. As “onomatopeias autênticas [...] não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (compare-se o francês *ouaoua* ao alemão *wauwau*).” (Saussure, 1916, p. 83).

Sob o título de motivação, os estudos sobre iconicidade linguística também têm alguma tradição nos escritos de outros linguistas. Stephen Ullman (1962, p. 1975), por exemplo, distingue três tipos de motivação linguística. Sua motivação fonética compreende várias formas de simbolismo sonoro, sua motivação morfológica compreende formações de palavras e, como motivação semântica, ele discute a linguagem figurada (metáforas, metonímias, etc.). A tríplice distinção de Ullmann continua a ser usada em estudos mais recentes. Em seu manual de morfologia, Bauer, Lieber e Plag (2013) discutem motivação como transparência e reduzem a tríade de Ullmann à diáde de transparência semântica e fonológica, omitindo a transparência morfológica, aparentemente porque ela é o tema principal de todo o estudo, de qualquer forma. Uma definição mais recente de motivação na linguagem, que segue a diretriz saussuriana de forma bastante próxima, postula que duas condições sejam atendidas:

que se possa observar uma tendência em vez de uma regra estrita, e que se possa atribuir a tendência a alguma razão externa ao sistema linguístico. [...] Na verdade, é bastante comum que fenômenos linguísticos sejam motivados em vez de estritamente previsíveis. [...] Por exemplo, raízes de palavras individuais geralmente não são icônicas (por exemplo, não há nada na forma “cachorro” que motive sua conexão com o significado “cachorro”), mas suas extensões para novos significados, em geral, são motivadas por processos humanos naturais de associação conceitual. [...] A conexão original entre forma e significado é arbitrária, mas a extensão para um novo significado é motivada (Taub, 2004, p. 9, tradução própria)¹².

A maioria dos linguistas concorda que a iconicidade não exclui a motivação, mas sim um subtipo dela. No entanto, as definições linguísticas de motivação do século XX variam de conceitos muito amplos a outros cujo escopo dificilmente se distingue da iconicidade única. Entre aqueles para quem a motivação parece ser um quase sinônimo de iconicidade está Haiman (1985, p. 2). O autor declara que a motivação na linguagem se preocupa com as “maneiras pelas quais a forma linguística é um diagrama da estrutura conceitual e homóloga a ela de maneiras interessantes”. Isso torna a motivação um sinônimo de iconicidade diagramática.

A definição mais ampla imaginável de motivação foi proposta pelo linguista Panther (2021). Para ele, motivação não é apenas o termo de cobertura dos signos linguísticos icônicos e indiciais. Além disso, determinantes da linguagem como pensamento e raciocínio, modelagem cognitiva, inferência, percepção, emoção, cultura, corporificação, comportamento e comunicação tornam um signo linguístico motivado. Esse conceito amplo de motivação não nos deixa com praticamente nenhum caso de uso da linguagem que não seja de alguma forma motivado, mas *motivado* sob tais premissas não significa mais *motivado linguisticamente*; também inclui motivação psicológica, cultural, social ou biográfica. Uma definição tão ampla não é aceitável como uma definição de iconicidade de uma perspectiva peirciana. O ícone é uma categoria semiótica, não social ou psicológica. Embora o objeto do qual um signo é uma *semelhança* inclua a experiência social e psicológica, apenas a semelhança do signo com tal experiência é o critério de iconicidade. É verdade que, para Panther (2021), a iconicidade é apenas uma das várias formas de motivação do signo da linguagem, de modo que sua *motivação* não é uma forma de iconicidade como era nos escritos de Saussure, mas identificar todos os tipos de determinantes psicológicos do uso da linguagem com a motivação redefine o termo de uma

¹² Citação na língua original: “two conditions be met: that one can observe a tendency rather than a strict rule, and that one can attribute the tendency to some reason external to the linguistic system. [...] It is actually quite common for linguistic phenomena to be motivated rather than strictly predictable. [...] For example, individual word roots are usually not iconic (e.g., there is nothing about the form dog to motivate its connection to the meaning “dog”), but their extensions to new meanings, on the whole, are motivated by natural human processes of conceptual association. [...] The original form–meaning connection is arbitrary, but the extension to a new meaning is motivated.”

forma que parece injustificada contra seu uso linguístico tradicional bem estabelecido.

A distinção dualista de Saussure entre signos arbitrários e motivados pode agora ser mapeada mais precisamente na tricotomia de ícones, índices e símbolos na linguagem de Peirce. Embora deva ser levado em consideração que os critérios dos dois pais fundadores da semiótica moderna não são os mesmos e o escopo de sua aplicação difere muito, o resultado desse mapeamento é, ainda assim, aproximadamente o seguinte: os símbolos de Peirce correspondem em grande parte aos signos da linguagem que Saussure caracteriza como arbitrários. Os signos indexicais da linguagem de Peirce estão inteiramente ausentes dos estudos semiológicos da linguagem de Saussure, e as considerações de Peirce sobre a iconicidade na linguagem abrangem dois capítulos diferentes do Curso de Saussure. O que Saussure (1916, p. 83) discute como a “sonoridade sugestiva” das palavras (que ele descreve como de relevância meramente marginal) corresponde à iconicidade do tipo imagem de Peirce. O que Saussure discute como “motivação relativa” em um sistema linguístico corresponde amplamente à iconicidade diagramática de Peirce na linguagem. No entanto, da perspectiva peirciana, a principal questão da semiótica linguística não é se o signo linguístico é arbitrário ou motivado, mas se é um símbolo, um índice ou um ícone.

Transparência. Sempre que uma forma sintática mostra, mesmo que apenas parcialmente, o que significa, ela evidencia a característica de transparência. O termo é usado principalmente em estudos linguísticos de formação de palavras e em linguística histórica. Uma palavra complexa é transparente quando seu significado “pode ser inferido com base em seus morfemas constituintes”; caso contrário, “é até certo ponto opaca ou não transparente” (Plag, 2018, p. 15, tradução própria)¹³. A maioria das derivações é transparente. Elas mostram o que significam, enquanto as compostas evidenciam vários graus de transparência. Elas podem ser bastante transparentes, como em *compound biology teacher*, ou bastante opacas, como em *pickpocket*. A perda de transparência também se tornou um capítulo da linguística histórica, onde compostos anteriormente transparentes às vezes perderam sua transparência e se tornaram opacos (“verdunkelte Komposita”) (Faiss, 1978), como no inglês moderno *lord*, do inglês antigo *hlāf-weard*, “aquele que guarda os pães”.

A perda histórica de transparência das palavras também foi interpretada como um processo de desiconização. O oposto, a iconização, também pode ser observado na mudança linguística (Plank, 1977). Exemplos clássicos de iconização são as chamadas etimologias populares, palavras originalmente imotivadas que mudaram por adaptação às formas que as tornam pseudotransparentes, como em *aspara-gus*, cuja forma etimológica popular é o

¹³ Citação na língua original: “can be inferred on the basis of its constituent morphemes” ... “it is to some extent opaque, or nontransparent”.

composto *sparrowgrass*, ou no anglo-francês, a palavra imotivada *creveis*, que mudou para o composto transparente *crayfish*.

Quando o signo da linguagem é transparente e exibe o que significa, estamos diante de um signo que preenche uma das características distintivas do diagrama de Peirce, que é a de que ele “exibe uma similaridade ou analogia com o sujeito do discurso” (W 5, p. 243, 1885, tradução própria)¹⁴, ou para usar a formulação usada por Wittgenstein em sua teoria pictórica do significado, ele “mostra o que significa”.

Etimologia e transparência. Alguns linguistas propuseram também considerar a etimologia como uma forma de motivação na linguagem, por exemplo, Pohl (1968, p. 127). Assim definida, a motivação revela-se uma dimensão universal da linguagem, pois todas as palavras têm uma raiz etimológica. Inegavelmente, as etimologias podem trazer de volta imagens perdidas pela mudança linguística e, assim, tornar palavras opacas transparentes novamente. Considere a palavra *mundo*. É opaco no inglês moderno, mas transparente em sua raiz, visto que seu ancestral protogermânico, *werāldi-*, era um composto cujo significado era “a idade do homem”.

4. Ícone e símbolo de Peirce vs. signos motivados e arbitrários de Saussure

Paralelamente ao abandono do dogma do signo essencialmente arbitrário, ocorreu a substituição das noções-chave saussurianas de signos arbitrários e motivados pelos termos peirceanos símbolo e ícone. Ungerer e Schmid (2006, p. 300-301, tradução própria), por exemplo, escrevem: “Segundo Peirce, apenas um tipo de signo, que ele chama de ‘símbolo’, representa uma relação convencionalizada com um objeto e, portanto, aproxima-se da interpretação padrão de Saussure do signo arbitrário.”¹⁵ No entanto, as definições peirceanas de ícone e símbolo não são inteiramente congruentes com os conceitos saussurianos de arbitrariedade e motivação por similaridade.

Ícones, de acordo com as primeiras definições de Peirce, “exibem uma semelhança ou analogia” com o objeto que representam (W 5, p. 243, 1885). O ícone “assemelha-se ao seu objeto” (CP 3.362, 1885) e há uma “relação de razão entre o signo e a coisa significada” (CP 1.372, c.1885, tradução própria)¹⁶. Esta última caracterização, reminiscente do argumento de Saussure acima citado de que a motivação “introduz um princípio de ordem e regularidade em certas partes

¹⁴ Citação na língua original: “exhibits a similarity or analogy to the subject of discourse”.

¹⁵ Citação na língua original: “According to Peirce, only one type of sign, which he calls ‘symbol’, represents a conventionalized relationship with an object, and therefore comes close to Saussure’s standard interpretation of the arbitrary sign.”

¹⁶ Citações na língua original: “resembles its object” (CP 3.362, 1885) ... “relation of reason between the sign and the thing signified”.

da massa de signos” (Saussure, 2002, p. 154), é particularmente relevante para ícones diagramáticos. Um diagrama, o segundo subtipo do ícone, “é predominantemente um ícone de relações” (CP 4.418, 1903, tradução própria)¹⁷. Mais do que um ícone da subclasse de imagem, que “participa das qualidades simples” de seu objeto (CP 2.277, 1903), um diagrama está envolvido no raciocínio por ser “um Ícone de relações inteligíveis” (CP 4.531, 1905). Embora isso seja verdade para todos os ícones, os diagramas demonstram com mais clareza que “a Forma do Ícone [...] é também seu objeto” (CP 4.531, 1905). Para entender o que isso significa, é útil lembrar que, em linguística, “forma” é sinônimo de “estrutura”, de forma mais clara nos escritos de L. Hjelmslev (Nöth, 2000, p. 82-84). Se a forma de um ícone é seu próprio objeto, o ícone e seu objeto devem ter a mesma estrutura. Um bom mapa, por exemplo, tem a mesma forma que seu território nesse sentido.

Outra maneira de expressar esse princípio é dizer que a “forma da conexão” entre os elementos do ícone “é estritamente análoga” à forma como os elementos do objeto se relacionam entre si, de modo que “qualquer inferência que seja sólida a respeito de uma coisa ou um caráter é sólida em relação a qualquer outra coisa ou caráter” (CP 1.446, c.1896, tradução própria)¹⁸. Embora seja verdade que raciocinamos com símbolos, também é verdade que nossa mente precisa estabelecer relações entre os signos que interpreta. Um diagrama é um sistema de tais relações. Portanto, “é somente por meio de ícones que realmente raciocinamos, e afirmações abstratas [simbólicas] não têm valor no raciocínio, exceto na medida em que nos auxiliam a construir diagramas” (CP 4.127, 1893, tradução própria)¹⁹.

A semelhança que caracteriza o ícone verbal em sua relação com seu objeto dinâmico não é necessariamente uma semelhança visual ou acústica com um objeto da realidade externa. Pode também ser a semelhança entre um signo e uma imagem mental, e o próprio signo pode ser um mero signo de pensamento. Um exemplo de signo de pensamento icônico é minha “imaginação de como eu agiria em certas circunstâncias” para me mostrar “como outro homem provavelmente agiria” (CP 2.92, 1902, tradução própria)²⁰.

De fato, os exemplos de Saussure sobre arbitrariedade na linguagem são frequentemente palavras que Peirce classificaria como um símbolo. No entanto, os critérios primários de simbolismo de Peirce não são nem arbitrariedade nem

¹⁷ Citações na língua original: “is predominantly an icon of relations”.

¹⁸ Citação na língua original: “is strictly analogous ... “whatever inference is sound concerning one thing or one character is sound in regard to any other thing or character”.

¹⁹ Citação na língua original: “is strictly analogous” to how the elements of the object are related among themselves, so that “whatever inference is sound concerning one thing or one character is sound in regard to any other thing or character”.

²⁰ Citação na língua original: “imagination of how I would act under certain circumstances” ... “how another man would be likely to act”.

convencionalidade. Em vez disso, um símbolo, para Peirce, é, antes de tudo, um signo que representa um objeto com um significado geral e que é usado devido a um hábito, adquirido geneticamente por meio de aprendizado e ensino (Nöth, 2010). Para Peirce, os exemplos de Saussure dos signos arbitrários da linguagem, como *ox* (em inglês) e *bœuf* (em francês), também são símbolos, mas não principalmente porque diferem na forma. Em vez disso, são símbolos porque (1) diferentes hábitos de aprendizagem da linguagem determinam sua interpretação e (2) porque as duas palavras representam uma classe de animais em geral, enquanto um nome próprio, como John Miller, não é um símbolo, apesar da arbitrariedade da escolha de seu nome. É um índice porque identifica um indivíduo.

Uma tendência na linguística chamada linguística natural (Wurzel, 1984; Haiman, 1985) tem demonstrado muito interesse na iconicidade linguística, principalmente na morfologia. De acordo com essa tradição de pesquisa, o ícone é “o mais natural de todos os signos na linguagem” (Dressler *et al.*, 1987, p. 105).

Um símbolo também é um signo não motivado para Peirce, um signo “compreendido e usado como tal [...] sem levar em conta os motivos que originalmente governaram sua seleção” (“Símbolo”, CP 2.307, 1902)²¹. Arbitrariedade e convencionalidade estão igualmente entre as características dos símbolos na semiótica de Peirce. Quando chama símbolos de “signos arbitrários”, Peirce quer dizer “signos que representam seus objetos simplesmente porque serão assim compreendidos” (MS 842, p. 33, 1908)²². Quando chama símbolos de “signos convencionais”, Peirce relembra com aprovação a tradição terminológica desde a antiguidade, por exemplo, em um rascunho de sua primeira Palestra em Harvard de 1903: “Um signo convencional recebeu, desde Aristóteles e antes, o nome de símbolo” (MS 450, p. 6, tradução própria)²³. No entanto, arbitrariedade e convencionalidade, embora características da maioria dos símbolos, não são critérios necessários nem suficientes para a simbolicidade, visto que também existem “símbolos naturais”, que por definição não são convencionais, e existem palavras (signos convencionais) que não são símbolos, mas índices (a serem discutidos abaixo). Os critérios necessários nas definições de Peirce de um signo como símbolo são dois: (1) O símbolo está relacionado ao seu objeto por “um hábito, disposição ou outra regra geral efetiva que o implique em interpretá-lo” (CP 4.447, 1903, tradução própria)²⁴ e (2) “O objeto ao qual se refere é de natureza geral” (EP 2, p. 292, 1903, tradução própria)²⁵.

²¹ Citação na língua original: “understood and used as such [...] without regard to the motives which originally governed its selection”.

²² Citação na língua original: “signs which represent their objects simply because they will be so understood”.

²³ Citação na língua original: “A conventional sign has since Aristotle and earlier received the name of symbol”.

²⁴ Citação na língua original: “a habit, disposition, or other effective general rule that it will so be interpreted”.

²⁵ Citação na língua original: “The Object to which it refers is of a general nature”.

Em vez de dizer que “o signo representa” seu objeto, como Peirce ocasionalmente faz (por exemplo, CP 2.339, 1903), a relação é mais precisamente uma das características distintivas das diferentes classes de signos. O símbolo, por exemplo, está mentalmente “associado” à ideia de seu objeto, ou é “aplicável” à ideia a ele conectada (CP 2.295, 1893). O índice *identifica* seu objeto, e o ícone *nos mostra* o objeto ou *o representa diante de nossos olhos*.

Qualquer palavra comum, como “dar”, “pássaro”, “casamento”, é um exemplo de símbolo. É aplicável a qualquer coisa que possa concretizar a ideia conectada à palavra; não identifica, por si só, essas coisas. Não nos mostra um pássaro, nem representa diante de nossos olhos uma doação ou um casamento, mas supõe que somos capazes de imaginar essas coisas e associamos a palavra a elas (CP 2.298, 1893, tradução própria)²⁶.

Como não pode mostrar seu objeto nem indicá-lo, o símbolo requer que já conheçamos seu objeto e possamos *imaginá-lo* a partir de experiências anteriores. Portanto, os símbolos podem ser inteiramente abstratos. “Qualquer enunciado de discurso é um exemplo. [...] As palavras representam apenas os objetos que representam e significam as qualidades que representam, porque determinarão, na mente do ouvinte, os signos correspondentes” (CP 2.92, c.1902, tradução própria)²⁷. Um símbolo não tem outra relação com seu objeto além de ser um signo dele.

5. Tendências para restringir novamente o papel da iconicidade na linguagem

Logo após a redescoberta da iconicidade como tópico de pesquisa, os linguistas se dividiram quanto ao escopo da iconicidade na linguagem. Alguns defenderam um amplo escopo de fenômenos que deveriam ser estudados como icônicos; outros pediram definições mais restritivas. “Limitar o icônico” é a diretriz programática de um estudo sobre os fundamentos da iconicidade na linguagem (De Cuypere, 2008). Em particular, os conceitos de motivação, transparência, arbitrariedade e símbolo desempenharam papéis fundamentais nessa discussão. Alguns alertaram contra a confusão entre iconicidade e não arbitrariedade na linguagem. Outros têm defendido critérios mais precisos para distinguir entre iconicidade e motivação. Muitos têm argumentado que o icônico e o arbitrário na

²⁶ Citação na língua original: “Any ordinary word, as ‘give’, ‘bird’, ‘marriage’, is an example of a symbol. It is applicable to whatever may be found to realize the idea connected with the word; it does not, in itself, identify those things. It does not show us a bird, nor enact before our eyes a giving or a marriage, but supposes that we are able to imagine those things, and have associated the word with them.”

²⁷ Citação na língua original: “Any utterance of speech is an example. [...] The words only stand for the objects they do, and signify the qualities they do, because they will determine, in the mind of the auditor, corresponding signs”.

linguagem não devem ser concebidos como um dualismo. Em vez disso, argumentam, a iconicidade é uma questão de grau.

Iconicidade vs. não arbitrária. Newmeyer é um daqueles que deploра definições de iconicidade que considera muito amplas. A iconicidade não deve incluir simplesmente todos os signos linguísticos que não sejam inteiramente arbitrários, argumenta ele. O icônico não deve ser confundido com o não arbitrário:

Há uma tendência a rotular praticamente qualquer motivação funcional para uma estrutura linguística como “icônica”, uma prática que, levada à sua conclusão lógica, torna os termos “funcionalmente motivado” e “icônico” praticamente intercambiáveis. – Os exemplos mais extremos do uso estendido do termo “iconicidade” que descobri estão em Givón (1985, p. 200), onde parece que qualquer relação não arbitrária na linguagem se qualifica como icônica. Por exemplo, Givón toma como exemplificação de iconicidade o fato de que a posição de um verbo principal em uma escala semântica específica se correlaciona com a probabilidade de o verbo complementar ser marcado por aspecto (Newmeyer, 1992, p. 758, tradução própria)²⁸.

O termo “não arbitrário” é uma referência ao primeiro princípio de Saussure, segundo o qual o signo verbal é opaco e incompreensível para todos aqueles que não conhecem a língua à qual pertence. Um signo não arbitrário também é aquele que não é motivado, mas *motivado*, para Saussure, significava *racional* ou *governado por regras*. Regras são motivações nesse sentido. Elas são necessárias e úteis para que qualquer sistema linguístico funcione economicamente.

Icônico de fato não é sinônimo de *não arbitrário*. A semiótica de Peirce também distingue duas classes de signos não arbitrários: o ícone e o índice, e a indexicalidade na linguagem é um tipo muito diferente de motivação. Por outro lado, a queixa de Newmeyer contra o “uso (inapropriadamente) estendido do termo iconicidade” por Givón (Newmeyer, ano *apud* Givón, 1992, p. 758) a respeito de certas formas sintáticas determinadas por formas semânticas ignora a amplitude do conceito de iconicidade diagramática de Peirce. A determinação funcional de um signo linguístico implica uma razão para seu uso. Tais razões tornam os signos linguísticos transparentes. Um signo transparente mostra o que significa, que é a própria essência de um ícone diagramático.

²⁸ Citação na língua original: “There is a tendency to label virtually any functional motivation for a linguistic structure as an “iconic” one, a practice which, carried to its logical conclusion, renders the terms “functionally motivated” and “iconic” all but interchangeable. – The most extreme examples of the extended use of the term “iconicity” that I have discovered are in Givón (1985: 200), where it would appear that any nonarbitrary relation in language qualifies as an iconic one. For example, Givón takes as an exemplification of iconicity the fact that the position of a main verb on a particular semantic scale correlates with the likelihood that the complement verb will be marked for aspect.”

Motivação vs. isomorfismo. A distinção entre motivação e isomorfismo foi introduzida por Haiman (1980, p. 515-516), que definiu os dois termos como tipos diferentes de iconicidade diagramática. De acordo com sua definição, isomorfismo é a “correspondência biunívoca entre o *signans* e o *signatum*, seja uma única palavra ou uma construção gramatical” (Haiman, 1980, p. 515-516), enquanto motivação é aquele tipo de iconicidade “na qual uma estrutura gramatical, como uma palavra onomatopaica, reflete seu significado diretamente. O exemplo mais claro de tal iconicidade é o da sequência. Em igualdade de condições, a ordem das declarações em uma descrição narrativa corresponde à ordem dos eventos que descrevem” (Haiman, 1980, p. 515-516, tradução própria).

Giacalone Ramat (1995), visando uma revisão da distinção de Haiman, esquece que os diagramas são um dos três tipos de iconicidade de Peirce e estabelece um dualismo inadequado entre diagramas e ícones:

Baseio-me na distinção de Peirce entre “ícones” e “diagramas”, em que os ícones exibem uma similaridade ou analogia entre *signans* e *signatum*, enquanto os diagramas refletem as relações entre as partes (ver também Dressler [et al.], 1987, p. 17). A diagrammaticidade implica necessariamente uma relação isomórfica entre forma e função. Para uma compreensão mais clara, utilizarei o termo “isomorfismo estrutural” para me referir às relações diagramáticas de signos linguísticos e assumirei que o isomorfismo estrutural tem a propriedade de transparência. A iconicidade, ao contrário, denota uma relação de similaridade e não implica transparência (Ramat, 1995, p. 122-123, tradução própria)²⁹.

A redefinição da iconicidade diagramática como *isomorfismo estrutural* é, no entanto, apropriada da perspectiva peirciana, e a conexão que Giacalone Ramat estabelece entre iconicidade diagramática e transparência é bastante útil. ●

Referências

ÁGEL, Vilmos. Von der Sprache – über den Gegenstand der Sprachwissenschaft und die Natur des sprachlichen Zeichens – zur Literatur. *Zeitschrift für Germanistik*, v. 6, n. 3, p. 596-611, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23976166>. Acesso em: 28 out. 2025.

ANTTILA, Raimo; EMBLETON, Sheila. The iconic index. *Diachronica*, v. 6, n. 2, p. 155-180, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/dia.6.2.02ant>. Acesso em: 28 out. 2025.

²⁹ Citação na língua original: “I draw on Peirce’s distinction between “icons” and “diagrams”, where icons exhibit a similarity or analogy between *signans* and *signatum*, while diagrams reflect the relationships among the parts (see also Dressler [et al.] 1987: 17). Diagrammaticity necessarily implies an isomorphic relation between form and function. To achieve a clearer understanding, I will use the term “structural isomorphism” to refer to diagrammatic relations of linguistic signs and will assume that structural isomorphism has the property of transparency. Iconicity, on the contrary, denotes a relation of similarity and does not imply transparency.”

- ARMSTRONG, David F. Iconicity, arbitrariness, and duality of patterning in signed and spoken language: Perspectives on language evolution. *Sign Language Studies*, v. 38, p. 51-69, 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203635>. Acesso em: 28 out. 2025.
- BAUER, Laurie; LIEBER, Rochelle; PLAG, Ingo. *The Oxford reference guide to english morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BRAUNMÜLLER, Kurt. Wie arbiträr sind Zeichen in natürlichen Sprachen? *Germanistische Mitteilungen*, v. 16, p. 27-43, 1982.
- BREKLE, Herbert E. No U-turn: Zur Integration eines speziellen Typs ikonischer Elemente in schriftlichen Wortbildungen. In: LANGE-SEIDL, Annemarie (ed.). *Zeichenkonstitution: Akten des 2. Semiotischen Kolloquiums Regensburg 1978*. Berlin: de Gruyter, 1981. p. 172-179. Band 1.
- BURKS, Arthur W. (ed.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958. v. 7-8.
- CHRISTMANN, Hans Helmut. Arbitrarität und Nicht-Arbitrarität im Widerstreit - Zur Geschichte der Auffassung von sprachlichen Zeichen. STUF - Language Typology and Universals, *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationswissenschaft*, v. 38, n. 1-6, p. 83-99, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1524/stuf.1985.38.14.83>. Acesso em: 28 out. 2025.
- CRYSTAL, David. Interactions between iconicity and other semiotic parameters in language. In: SIMONE, Raffaele (ed.). *Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins, 1995. p. 21-37.
- DE CUYPERE, Ludovic. *Limiting the Iconic: From the Metatheoretical Foundations to the Creative Possibilities of Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins, 2008.
- DE PATER, Wim A.; LANGENDONCK, Willy van. Natuurlijkheid van de taal en iconiciteit: Plato en hedendaagse taaltheorieën. *Tijdschrift voor Filosofie*, v. 51, p. 256-297, 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40885875>. Acesso em: 28 out. 2025. Trad. abreviada: Ikonizität in natürlicher Sprache. *Kodikas/Code*, v.15, p. 3-22, 1992.
- DINGEMANSE, Mark et al. Arbitrariness, iconicity, and systematicity in language. *Trends in Cognitive Science*, v. 19, n. 10, p. 603-615, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2015.07.013>. Acesso em: 28 out. 2025.
- DRESSLER, Wolfgang U. et al. *Leitmotive in Natural Morphology*. Amsterdam: Benjamins, 1987.
- ECO, Umberto. Introduction to a semiotics of the iconic sign. *Versus*, v. 2, 1972. p. 1-15.
- ENGBERT-PEDERSEN, Elisabeth. Arbitrariness and iconicity. In: PEDERSEN, E.E. et al. (eds.), *Content, Expression, and Structure: Studies in Danish Functional Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1996. p. 453-468.
- ENGLER, Rudolf. Iconicity and/or arbitrariness. In: SIMONE, Raffaele (ed.). *Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins, 1995. p. 39-45.
- FAISS, Klaus. *Verdunkelte Compounds in Englischen*: Ein Beitrag zu Theorie und Praxis der Wortbildung. Tübingen: Narr, 1978.
- GIVÓN, Talmy. "The grammar of referential coherence as mental processing instructions" *Linguistics*, vol. 30, no. 1, 1992, pp. 5-56.
- GOLDWASSER, Orly. *From Icon to Metaphor: Studies in the Semiotics of the Hieroglyphs*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- GROSS, Michael. *Zur linguistischen Problematisierung des Onomatopoetischen*. Hamburg: Buske, 1988.

- HAIMAN, John. The iconicity of grammar: Isomorphism and motivation. *Language*, v. 56, n. 3, p. 515-540, 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/414448>. Acesso em: 28 out. 2025.
- HAIMAN, John (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985.
- HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul (ed.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935. v. 1-6.
- HUTTON, Christopher M. The arbitrary nature of the sign. *Semiotica*, v. 75, n. 1-2, p. 63-78, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1989.75.1-2.63>. Acesso em: 28 out. 2025.
- ITKONEN, Esa. Form-meaning isomorphism, or iconicity, in diachronic linguistics (and elsewhere). In: REMMEL, Mart (ed.). *Symposium on Formalization in Historical Linguistics*. Tallinn: Academy of the Sciences of the Estonian SR, 1986. p. 38-46.
- JAKOBSON, Roman. A few remarks on Peirce, pathfinder in the science of language. In: JAKOBSON, Roman. *Selected Writings*. The Hague: Mouton, 1977. p. 248-253. v. 7.
- JESPERSEN, Otto. Symbolic value of the vowel I. In: JESPERSEN, Otto. *Selected Writings*. London: Routledge, 2010 [1933]. p. 287-300. Reprinted.
- KAMMERZELL, Frank. Reading multimodal compositions from Early Dynastic Egypt (with an appendix on previously unlisted, reinterpreted or otherwise noteworthy signs). In: ENGEL, Eva-Maria; BLÖBAUM, Anke Ilona; KAMMERZELL, Frank (ed.). *Keep out! Early Dynastic and Old Kingdom Cylinder Seals and Sealings in Context*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2021. p. 1-98.
- KAMMERZELL, Frank; LAPČÍČ, Aleksandra; NÖTH, Winfried. Charles S. Peirce's Egyptological studies. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 52, n. 4, p. 483-538, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2979/trancharpeirsoc.52.4.01>. Acesso em 28 out. 2025.
- KOCH, Walter A. *The Iconic Roots of Language*. Norderstedt: Books on Demand, 2008.
- LANDSBERG, Marge E. (ed.). *Syntactic Iconicity and Language Freezes: The Human Dimension*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.
- MALKIEL, Yakov. *Diachronic Problems in Phonosymbolism*. Amsterdam: Benjamins, 1990.
- MIDTGARDEN, Torjus. Iconic aspects of language use: Peirce's work on iconicity revisited. *Semiotica*, v. 2002, n. 139, p. 227-244, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.2002.021>. Acesso em: 28 out. 2025.
- MORRIS, Charles W. *Signs, Language, and Behavior*. New York: Braziller, 1946.
- NEWMEYER, Frederick J. Iconicity and generative grammar. *Language*, v. 68, n. 4, p. 756-796, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/416852>. Acesso em: 28 out. 2025.
- NÖTH, Winfried. *Handbuch der Semiotik*, 2. ed. rev. Stuttgart Metzler, 2000.
- NÖTH, Winfried. The criterion of habit in Peirce's definitions of the symbol. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 46, n. 1, p. 82-93, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2979/tra.2010.46.1.82>. Acesso em: 28 out. 2025.
- PANTHER, Uwe. Motivation. In: XU, Wen; TAYLOR, John R. (eds.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. London: Routledge, 2021. p. 297-313.
- PEIRCE, Charles S. EISELE, Carolyn (ed.). *New Elements of Mathematics: Mathematical Philosophy*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1976. v. 4.
- PEIRCE, Charles S. *Writings of Charles S. Peirce: A Chronological Edition*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1993. v. 5.

- PEIRCE, Charles S. Peirce Edition Project (ed.). *The Essential Peirce*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1998. v. 2.
- PLAG, Ingo. *Word-Formation in English*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- PLANK, Frans. Ikonisierung und De-Ikonisierung als Prinzipien des Sprachwandels. *Sprachwissenschaft*, v. 4, p. 121-158, 1977.
- PLANK, Sigrid; PLANK, Frans. Der Zusammenhang von Laut und Bedeutung als mögliche Konvergenzsphäre von Psychoanalyse und Linguistik. *Linguistische Berichte*, v. 61, p. 32-48, 1979.
- POHL, Jacques. *Symboles et langages 1: Le symbole*. Paris: Sodi, 1968.
- POSNER, Roland. Iconicity in syntax: The natural order of attributes. In: BOUSSAC, Paul; HERZFELD, Michael; POSNER, Roland (eds.). *Iconicity: Essays on the Nature of Culture*: Festschrift for Thomas A. Sebeok on his 65th Birthday. Tübingen: Stauffenburg, 1986, p. 305-373.
- POSNER, Roland (ed.). Ikonismus in den natürlichen Sprachen. *Zeitschrift für Semiotik*, v. 2, n. 1-2, 1980.
- RADDEN, Günter. Iconicity. In: XU, Wen; TAYLOR, John R. (eds.). *The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics*. London: Routledge, 2021. p. 268-296.
- RAMAT, Anna Giacalone. Iconicity in grammaticalization processes. In: SIMONE, Raffaele (ed.). *Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins, 1995. p. 119-140.
- ROBINSON, Christopher L. Phonetic metaphor and the limits of sound symbolism. *Names*, v. 61, n. 4, p. 189-199, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/0027773813Z.00000000051>. Acesso em: 29 out. 2025.
- SAPIR, Edward. A study in phonetic symbolism. *Journal of Experimental Psychology*, v. 12, n. 3, p. 225-239, 1929. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0070931>. Acesso em 29 out. 2025.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SCHENKEL, Wolfgang. Wie ikonisch ist die altägyptische Schrift? *Lingua Aegyptia*, v. 19, p. 125-153, 2011.
- SHAPIRO, Michael. *The Sense of Change*. Language as History. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1991.
- TAUB, Sarah F. *Language from the Body*: Iconicity and Metaphor in American Sign Language, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- TEFNIN, Roland. Discours et iconicité dans l'art égyptien. *Göttinger Miszellen*, v. 79, p. 55-71, 1984.
- THE CHARLES S. Peirce Papers. Production: Houghton Library, Harvard University, Micro reproduction Service. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979 [1963-1966]. 30 reels, 3rd microfilm edition.
- ULLMANN, Stephen. *Semantics*. Oxford: Blackwell. 1962.
- ULLMANN, Stephen. Natural and conventional signs. In: SEBEOK, Thomas A. (ed.). *The Tell-Tale Sign*. Lisse: de Ridder, 1975. p. 103-110.
- UNGERER, Friedrich; SCHMID, Hans-Jörg. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. 2. ed. Harlow: Pearson, 2006.

WAUGH, Linda; NEWFIELD, Madeleine. Iconicity in the lexicon and its relevance for a theory of morphology. In: LANDSBERG, Marge E. (ed.). *Syntactic Iconicity and Linguistic Freezes: The Human Dimension*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995. p. 189-221.

WHITE, John J. The argument for a semiotic approach to shaped writing: the case of italian futurist typography. *Visible Language*, v. 10, n. 1, p. 53-86, 1976. Disponível em: <https://journals.uc.edu/index.php/vl/article/view/5198>. Acesso em: 29 out. 2025.

WILLEMS, Klaas; DE CUYPERE, Ludovic (eds.). *Naturalness and Iconicity in Language*. Amsterdam: Benjamins, 2008.

WILLIAMS, Daniel; COLLING, Lincoln. From symbols to icons: the return of resemblance in the cognitive neuroscience revolution. *Synthese*, v. 195, p. 1941-1967, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11229-017-1578-6>. Acesso em: 29 out. 2025.

WOOLLEY, Dale E. Iconic aspects of language. In: BLANSITT, Edward L.; DI PIETRO, Robert J. (eds.). *The Third Lacus Forum*. Columbia, SC: Hornbeam Press, 1977. p. 287-294.

XIAO, Wen; TREIMAN, Rebecca. Iconicity of simple Chinese characters. *Behavior Research Methods*, v. 44, p. 954-960, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/s13428-012-0191-3>. Acesso em: 29 out. 2025.

doi | Linguistic iconicity since F. de Saussure and C. S. Peirce NÖTH, Winfried

Abstract: The paper examines trends and tendencies in modern linguistics since Ferdinand de Saussure and Charles S. Peirce in the study of iconicity in spoken and written language. Saussure's dogma of the arbitrariness of the linguistic sign impeded research into linguistic iconicity for decades. Only in the 1980s did iconicity become a vital research field of modern linguistics (again). The paper argues further that Saussure's concept of the arbitrary sign is not congruent with Peirce's symbol and shows that Peirce's icon differs from the Saussurean concept of the verbal sign motivated by similarities between the signifier and the signified. The study shows how some scholars interpreted the renewed interest in iconicity in language as an "iconic turn" in modern linguistics, while others hastened to narrow the concept of iconicity down again.

Keywords: iconicity; arbitrariness; motivation; Peirce, C. S.; Saussure, F. de

Como citar este artigo

NÖTH, Winfried. Iconicidade linguística desde F. de Saussure e C.S. Peirce. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 3. Dossiê temático: "Iconicidade". São Paulo, dezembro de 2025, p. 65-83. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

NÖTH, Winfried. Iconicidade linguística desde F. de Saussure e C.S. Peirce.. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 3. Thematic issue: "Iconicity", São Paulo, December 2025, p. 65-83. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 03/07/2025.

Data de aprovação do artigo: 29/11/2025.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

